

Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica*

Maria Aparecida Baccega**

Atua no mestrado da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), com estudos e pesquisas nas relações comunicação e consumo; pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN) e do Centro de Estudos Comunicação e Trabalho, ambos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde é professora; é fundadora e editora de 1994 a 2004 da revista Comunicação & Educação.

E-mail: mabga@usp.br

Resumo: O artigo conceitua o campo comunicação/educação como espaço privilegiado da atuação dos educadores, professores em particular, apresentando-o como lócus na formação dos sentidos sociais. Arrola outras características e mostra que comunicação/educação é muito mais que levar alunos a produzir telejornais, *reproduzindo* o que aí está. Afirma que as práticas comunicacionais no âmbito da escola, para que atuem no sentido das mudanças, devem resultar do conhecimento efetivo desse campo, para assim permitir que os sujeitos construam uma postura crítica diante da mídia, diante do mundo.

Palavras-chave: comunicação/educação, meios de comunicação, cidadania, criticidade, escola.

Abstract: This article conceptualizes the field of communication/education as privileged space for educators, specially teachers, performance introducing it as a *locus* in the formation of social meanings. The author lists other features and shows that communication/education is much more than taking students to make television newscasts, reproducing what already exists. Affirms that the communicative practices within the school, to move in the direction of changes, should result from the effective knowledge of that field, enabling individuals to face the media and the world with a critical posture.

Keywords: Communication/education; media, citizenship, criticality, school.

As tradicionais agências de socialização – escola e família – vêm se confrontando, nos últimos tempos, com os meios de comunicação, que se constituem em outra agência de socialização. Há entre elas um embate permanente pela hegemonia na formação dos valores dos sujeitos, buscando destacar-se na configuração dos sentidos sociais. Essa disputa constitui o campo comunicação/educação (educomunicação), que propõe, justifica e procura pistas para o diálogo entre as agências.

Nesse campo se constroem sentidos sociais novos, renovados, ou ratificam-se mesmos sentidos com roupagens novas. Tudo isso ocorre num

Recebido: 10.09.2009

Aprovado: 04.11.2009

* Trabalho apresentado no II Libercom, Mesa: Os desafios da Educomunicação na realidade escolar: a teoria aplicada aos projetos práticos. evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

** Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8872152033316612>>.

processo dialógico de interação com a sociedade, lugar da práxis que desenha e redesenha os sentidos, no caminho da tradição ou da ruptura, do tradicional ou do novo, da permanência ou da mudança. A constituição do novo nunca se poderá dar sem que os *resíduos* do *velho* estejam presentes. A ruptura total nunca ocorre.

Se assim não fosse, não se garantiria o entendimento entre os sujeitos, pois ele exige uma memória comum, e a memória comum é resultado do processo sociocultural no qual os sujeitos vivem. Os sentidos sociais fundam esse lugar de construção/reconstrução das opções de caminho da sociedade. Este processo comunicação/educação merece o lugar de segmento prioritário das teorizações e das pesquisas no campo da comunicação, pois permite que se leve em conta, sobretudo, o papel da mídia na configuração da cultura.

Essa forte presença da mídia na cultura permite afirmar que a discussão tradicional, formulada na questão: “Devemos ou não usar os meios no processo educacional ou procurar estratégias de educação para os meios?”, já não se coloca. Trata-se, agora, de constatar que eles são também educadores, uma outra agência de socialização, e por eles passa também a construção da cidadania. É desse lugar, o qual procura colocar em sintonia mídia e escola, aceitando que a escola já não é mais o único *lugar do saber*, que devemos relacionar-nos com os meios. E é esse o lugar em que temos de esclarecer que modalidade de programação da mídia queremos para pavimentar as mudanças sociais no sentido da construção da efetiva cidadania.

Para tanto é fundamental conhecê-los. Só assim conseguiremos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entregam pronto, editado – e no qual vivemos, no mais das vezes, num processo de conformismo com o que aí está¹, chegando inclusive a naturalizar injustiças, ignorar o desrespeito aos direitos fundamentais do ser humano –, para estarmos aptos à construção de um mundo que permita a todos o pleno exercício da cidadania em condições igualitárias. Conformismo está sendo usado no sentido que lhe dá Agnes Heller. Trata-se de comportamento quase passivo, diferente da conformidade, postura necessária à vida em sociedade.

Por isso, comunicação/educação inclui, mas não se resume a, educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado. Nesse campo cabem: do território digital à arte-educação, do meio ambiente à educação a distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, cibercultura etc. Tudo percorrido com olhos de congregação das agências de formação: a escola e os meios, voltados sempre para a construção de uma nova variável histórica.

1. HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

PISTAS PARA ATUAÇÃO NO CAMPO COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO

Afirmamos que os sentidos sociais, configurados e reconfigurados na prática, têm na comunicação/educação o lócus privilegiado de sua instituição. Isso ocorre porque é aí que se dá claramente o embate das agências de socialização mídia *versus* escola e família, com o objetivo de revestir de significados os signos em circulação: ou seja, cada agência considera-se, ela própria, a única capaz e *correta* nesse processo de atribuição de sentidos. E há permanentemente a tentativa – impossível, ainda bem – de tornar o signo monossêmico, ou seja, de pretender que o sentido atribuído à palavra por uma das agências, por exemplo, é o *único* e será interpretado apenas daquele modo por todos.

Para que atuemos com êxito no complexo campo comunicação/educação, vários desafios se evidenciam. Seleccionamos alguns.

PRIMEIRO DESAFIO

Enfrentar a complexidade da construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. Para isso há que reconhecer os meios de comunicação como outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola e outras agências de socialização. Essa é uma barreira a ser transposta.

É no espaço que se constitui entre as agências de socialização que os sentidos são ressemantizados. O estudo de tal intersecção, base desse campo, permite pensar criticamente a realidade, inter-relacionando os conhecimentos que se originam nas várias agências, as convergências e divergências entre as agências, para, ao fim, ser capaz de analisar a ressignificação que foi construída nesse embate.

A interpretação do mundo em que vivemos, mundo em cuja construção os meios de comunicação desempenham importante papel, é um dos desafios do campo. São os meios de comunicação que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos ver as cenas escolhidas e compreender esses temas. Por exemplo, recentemente se pautou a guerra no Iraque, a qual se iniciou com a cobertura ao vivo pela televisão.

O céu do Iraque pintou-se de pontos de luz, que mais parecia formação de videogame; além disso, essa guerra – assim nos vendiam – não tinha sangue. Não havia vidas humanas em jogo.

Observemos:

1. *O que devemos conhecer sobre determinado fato.* Tomaremos a figura de Saddam Hussein, em dois momentos, para mostrar como se constrói a personagem da mídia.

a) Recentemente, na atual guerra Estados Unidos *versus* Iraque.

b) Antes, durante a guerra do Iraque contra o Irã.

2. *Temas pautados em:*

- a) A violência de Sadan Hussein; e
- b) Sadan Hussein como anjo defensor de civilização cristã ocidental.

3. *Pontos de vista em:*

- a) Na atual guerra do Iraque, a mídia falou em “defesa da democracia”. Sadan Hussein apresenta-se como ditador sanguinário; e
- b) Na guerra Irã–Iraque Sadan Hussein era apresentado como nosso salvador, por isso recebia colaboração para vencer a guerra contra o Irã. Qual seria o verdadeiro?

Os meios se constituem em educadores privilegiados, dividindo as funções antes destinadas à escola. E parece que têm levado vantagem. Eis o primeiro desafio: a construção do campo comunicação/educação.

SEGUNDO DESAFIO

Entender que o campo comunicação/educação não se reduz a fragmentos, como, por exemplo, a eterna discussão sobre a adequação da utilização das tecnologias no âmbito escolar. Oras, o aparato tecnológico está em todas as escolas qualquer que seja o nível socioeconômico de sua clientela. Isso porque, mais que entendida como aparelho à disposição de alunos e professores, a tecnologia tem que ser pensada na sua abrangência. Ela está em todos os sujeitos, alunos, pais, professores, uma vez que impregnada na trama cultural. O importante é que a discussão se dê sobre o lugar que ela ocupa na formação dos alunos, dos cidadãos, da sociedade contemporânea nos vários âmbitos: da circulação de informações à mudança dos conceitos de tempo/espço, à modificação na produção e sua influência sobre o consumo e sobre o mercado de trabalho.

A tecnologia também garante aos meios sua presença não só na edição do mundo, mas também a presença dessa edição nos contextos sociais de alunos, professores, cidadãos em geral, independentemente de eles possuírem ou não aparelhos de mídia, uma vez que essa edição está presente nos interstícios da cultura que ela própria ajuda a construir, resultando novas sensibilidades. Para dar conta dessa complexidade, o campo comunicação/educação obriga a inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor, recepção, contextualização sociocultural da realidade, consumo/consumidor, entre muitos outros.

TERCEIRO DESAFIO

Avançar a elaboração do campo, mostrando comunicação/educação como o lugar onde os sentidos se formam e se desviam, emergem e submergem: a sociedade, com seus comportamentos culturais, levando-se em conta, principalmente, a pluralidade de sujeitos – a diversidade de identidade que habita cada um de nós.

Construir este campo como objeto científico, ressaltando suas relações com os meios que, a partir da realidade construída e divulgada por eles, ajudam também a conformar nossas identidades. A presença dos meios é dinâmica: percorre do internacional, ao nacional, ao local; do individual, ao particular, ao genérico, enlaçando-os, num movimento permanente de ir e vir. E enlaçando-nos.

QUARTO DESAFIO

Conhecer a diversidade de que a multi, inter e transdisciplinaridade estão plenas e reconhecer que o campo só pode ser pensado a partir delas. Economia, Política, Estética, História, Linguagens, entre outros saberes, compõem o campo. Cada um desses saberes dialoga com os outros, e essa complexa interseção se coloca no centro das investigações desse campo.

As pesquisas que resultam desse diálogo entre os saberes nos permitem apontar os meios de comunicação como os maiores produtores de significados compartilhados que jamais se viu na sociedade humana. Aponta também para a aproximação, a queda de barreiras, de limites e de censuras, nunca vividas. Jovens e velhos, filhos e pais habitam o mesmo imaginário, usufruem dos mesmos bens simbólicos, o que reconfigura a noção de respeito entre eles. Reconhece-se, desse modo, a forte incidência dos meios em combinação com as demais agências de socialização sobre a tessitura da cultura, sobre a realidade social. Eis a importância do campo comunicação/educação.

QUINTO DESAFIO

Verificar criticamente que a realidade em que estamos imersos, e que contribuímos para produzir, modificar e reproduzir, é sempre uma realidade mediada e mediatizada. Retomando Paulo Freire, diríamos que o “estar no mundo e com o mundo” inclui, obrigatoriamente, hoje, levar em consideração, no conceito de mundo, a mediação, a possibilidade de leitura do mundo que nos é oferecida pelos meios de comunicação. É desafio do campo comunicação/educação levar a saber ler e interpretar o mundo que, metonimicamente, nos é passado como sendo a totalidade e conseguir reconfigurar essa totalidade, partindo de sua materialidade, e não a partir de nossos desejos, por mais nobres que sejam.

A institucionalização adequada dos estudos de mídia na sua conjugação com a educação, ou seja, o campo comunicação/educação, ainda deixa a desejar.

A importância dessa institucionalização advém sobretudo da condição de os estudos sobre este campo levarem ao conhecimento da mediação que ele exerce entre o *leitor* da realidade e sua atuação nela, entre os sujeitos receptores e sua inserção no processo comunicacional. Desse modo, obter-se-á uma leitura mais científica dos meios, mais crítica e menos senso comum. Essa leitura dos produtos veiculados pelos meios apenas pelo senso comum,

que predomina, tem grande importância para a manutenção do *status quo*, pois trata-se de leitura que não necessita de comprovações e opera no sentido da recepção acrítica.

SEXTO DESAFIO

Compreender por que a realidade contemporânea exige que o conceito de campo cultural seja mais inclusivo, ou seja, que nele esteja um conjunto de relações sociais que incluem atores, instituições e empresas, públicas ou privadas, que se voltam para a produção e circulação de bens simbólicos. Constar que também no consumo de bens materiais/simbólicos tem predominado o aspecto simbólico, revelando que nesta sociedade da mercadoria só existe o valor de troca.

O campo cultural, assim conceituado, comporta tanto aqueles que produzem nos limites das artes tradicionais (sentido restrito) quanto, em sentido ampliado, os sujeitos envolvidos no processo da produção, distribuição e circulação de bens simbólicos, os quais se concretizam nas formas modernas da comunicação, ou seja, na chamada indústria cultural. Inclui todas as telas: cinema, televisão, computador e celular, as artes e tudo o mais que aí é produzido. Também a moda, a indústria gráfica, entre outros, se incluem aí.

Essa ampliação e complexa inserção no campo cultural, novos atores, assim como a presença do popular na arte são desafios do campo comunicação/educação.

SÉTIMO DESAFIO

Conhecer e vivenciar os desafios das novas concepções do tempo e espaço. As mídias, quer sejam as tradicionais, quer as novas e novíssimas, tanto pagas quanto gratuitas, demandam tempo para sua fruição. O tempo, para nós, continua o mesmo, embora seja percebido de modo diferente, dado o acúmulo de informações e, principalmente, graças às modificações do conceito de espaço: vai-se daqui ao Oriente Médio no mesmo tempo em que se vai da cozinha à sala de casa. Tudo ficou aparentemente muito perto. Se a carta de Caminha enviada por Cabral levou três meses para chegar a Lisboa, hoje o e-mail daria conta em tempo real, on-line. Lisboa ficou mais perto?

Nosso tempo *efetivo* é o mesmo e nessa condição tanto a angústia de nossos limites – aparentemente cada vez mais estreitos – como também nossa possibilidade de reorganização, de nova edição do mundo pautado e editado pela mídia, se embatem. Somos atropelados pelo desfile infindável de fatos escolhidos para compor a narrativa do mundo metonímico que nos é dado a conhecer. Por isso, sobrepõem-se a competência para a escolha de fatos apresentados e a inter-relação entre eles. Esse é um processo que tem de ser rápido. Para tanto, é preciso devolver o lugar de honra que já tiveram as ciências humanas e sociais, bases da formação geral e humanística. Elas são necessárias para a

formação de sujeitos conscientes e críticos, objetivo de todo processo educacional desenvolvido no campo comunicação/educação. São essas mesmas ciências, em conjunto, que conformam o campo como um todo e possibilitam enfrentar esse desafio central na formação de cidadãos.

OITAVO DESAFIO

É necessário ir do mundo editado à construção do mundo. Compreender esse processo é mais um desafio do campo comunicação/educação. O mundo, hoje, é trazido até o horizonte do universo no qual nos inserimos. Ele nos chega através de relatos, eles próprios, já eivados da subjetividade de quem os produz. É deles que partimos para nossa reflexão. O mundo é editado, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares, de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal, na cibercultura. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos. As instituições e pessoas desse trajeto selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; fazem a montagem do mundo que conhecemos. Na seleção que nos é apresentada teremos sempre a possibilidade de *reconhecer* nossa cultura. Sem isso, não seria possível a comunicação.

Eis o desafio básico da reflexão sobre o campo comunicação/educação: o mundo é editado e assim ele chega a todos nós; sua edição obedece a interesses de diferentes tipos, sobretudo econômicos. Editar é construir uma realidade outra, sempre respeitando a cultura da qual provém essa realidade e para a qual ela voltará, ressignificada. Utilizam-se supressões, apagamentos ou acréscimos em um acontecimento, destaca-se uma parte do fato em detrimento de outra. Editar é reconfigurar alguma coisa, dando-lhe novo significado, atendendo determinado interesse, buscando determinado objetivo, fazendo valer determinado ponto de vista.

Esse mundo que a edição constrói reconfigura-se no receptor, com seu universo cultural e dinâmica próprios. Ou seja: ele é, aí também, reeditado. Assim se configura o desafio mais importante para os estudiosos do campo comunicação/educação: o mundo a que temos acesso é este, o editado. É nele, com ele e para ele que se impõe construir a cidadania. O desafio do campo é dar condições plenas aos receptores, sujeitos ativos para, ressignificando-o a partir de seu universo cultural, serem capazes de participar da construção de uma nova variável histórica.

NONO DESAFIO

Para estudar o campo comunicação/educação, constituído no bojo do campo da comunicação, é preciso, como vimos, estabelecer um diálogo mais amplo, com mais saberes. Identificá-lo a um único aspecto, como usar ou não usar aparelhos em sala de aula, implica restrição, redução do processo a um

segmento, a uma parte que, por mais importante que seja, é apenas uma das luzes, entre as muitas de que ele se compõe.

Para tanto, é fundamental ter clara a diferença entre informação, fragmentada, e conhecimento, totalidade que inclui a condição de o sujeito ser capaz de trazer à superfície o que de maneira incipiente começa a ser esboçado na sociedade. Prevê ter claro que o novo de um domínio nada mais é que o resultado da inter-relação de todos os domínios, possível naquela formação social; que os diversos fenômenos da vida são concatenados em referência à sociedade como um todo. Por exemplo: dizer que morrem “x” marginalizados por semana na periferia de São Paulo, pouco vale. Isso só adquirirá sentido se relacionado aos demais domínios da sociedade, como a questão da distribuição de renda, a facilidade do comércio de armas, embora ilegal, o tráfico de drogas etc., e como tudo isso está atuando na cultura na qual o sujeito é formado. Logo, para que o dado tenha sentido, necessita-se de várias das ciências sociais e humanas interagindo como suporte de nossa reflexão. As informações, fragmentadas, não são suficientes para que se consiga analisar criticamente o que aparece como dado; significa uma simplificação indevida, porém não ingênua, do processo comunicacional, o qual, como diz a expressão, envolve comunicação, diálogo, entrelaçamento, interatividade. Tal reducionismo parece pretender reduzir o estudo do campo a uma disciplina.

O conhecimento caracteriza-se pela totalidade, possível pela transdisciplinaridade. Pela imersão no diálogo das ciências humanas e sociais, estabelecido entre elas próprias, e entre elas e a sociedade. A construção das identidades, as várias identidades de cada um, estão cada vez mais relacionadas às mídias. Por um longo período, a mídia do pensamento único, a mídia do neoliberalismo, procurou inculcar a noção de identidade sem raízes locais ou nacionais, a identidade *global*. A crise do modelo neoliberal arrefeceu essa noção, embora o lugar de respeito às diferenças ainda esteja em construção.

Não desconsideramos, como dizia o mestre Ianni, a caminhada para a construção de uma sociedade civil global. Mas levando-se em conta, sempre, que essa construção está sendo feita por atores sociais, sujeitos concretos que carregam consigo percepções e objetivos com relação ao mundo, ao “estar no mundo e com o mundo”², no dizer de Paulo Freire.

Esses sujeitos sociais são os participantes dos processos comunicacionais de seus locais, de suas nações.

A sociedade global, diferentemente do que se pregava, acaba por valorizar o local e o nacional, os quais são difundidos para outras realidades sociais. Esses valores e comportamentos rapidamente chegam aos muitos sujeitos, às muitas nações, as quais, mais uma vez, também os ressignificam a partir de seu universo cultural.

Trata-se de um processo em espiral que mostra a relevância das três instâncias – local, nacional e global – em interação permanente entre si e com as demais. Cada uma delas marca a especificidade do “outro” local, do “outro”

2. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2000. p. 31.

nacional, e tais marcas encontram-se com a especificidade própria daquela realidade, as quais – a que chega e a que está – se ressignificam nesse encontro.

Esse movimento permite a valorização da comunicação/educação que se configura como ponto de chegada e ponto de partida desse novo *sensorium*. Aí está o objeto do campo comunicação/educação.

DÉCIMO DESAFIO

Levar o sujeito a ter consciência da construção da cultura na qual vivemos, da importância da comunicação na trama da cultura e, sobretudo, levá-lo ao conhecimento e à reflexão sobre as mediações que conformam nossas ações.

Para obter êxito neste desafio, é fundamental levar o sujeito a ter consciência de como se processam (nos seus vários âmbitos) as práticas midiáticas que nos envolvem e que colaboram tão fortemente para a configuração de nossa identidade. Em outras palavras: conhecer que comunicação e cultura são inseparáveis, dois lados de uma mesma moeda. Conhecer a cultura, as mediações que advêm das práticas culturais, os traços da tradição e da modernidade que balizam a práxis social são tarefas da comunicação/educação. Só a interseção que se forma entre as ciências humanas e sociais em sua interação poderá dar conta.

Mostrar que tal consciência revela que a ação do campo comunicação/educação pode ser um dos caminhos para a organização dos excluídos, dos marginalizados, dos invisíveis, de cuja inserção pode resultar a efetiva comunicação para a cidadania. Nesse campo reside um novo modo de contar a história, revivificar o passado, construir uma nova história, que inclua a todos, dando-lhes vez e voz para o grito e para a canção.

Enfim...

Os meios de comunicação hoje são um novo espaço do saber, ocupando parte do lugar que antes era destinado apenas à escola. Aparece também como (único) lugar de publicização, a qual, no mais das vezes, é indispensável para obtenção de êxito em nossos objetivos. *O que não deu na televisão, não aconteceu.*

Neste *lugar* – ágora da contemporaneidade, praça eletrônica – os sujeitos se encontram e aí bebem, ressignificando, o mundo editado.

Consideramos que compete à comunicação/educação levar os sujeitos a construir novos modos de atuação na mídia e no mundo. O campo não pode, portanto, ser confundido com atividades em sala de aula que levam os alunos a apenas *reproduzir* o que estão habituados a ver: o modo como se apresenta o telejornal, por exemplo, sobretudo o *Jornal Nacional*. Sua imitação pelos alunos, muitas vezes com o incentivo dos professores, leva à reprodução dos valores hegemônicos.

Enfrentados os desafios, a comunicação/educação estará apta a levar os alunos a uma produção que valorize aspectos da cultura em que vivem, que abra discussões sobre a dinâmica da sociedade, sua inserção na totalidade do

mundo, conhecendo-o para modificá-lo – reformando-o e/ou revolucionando-o, numa nova linguagem audiovisual, num novo mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.